

# 12° PROJETER

REEXISTIR NO MUNDO CONTEMPORÂNEO  
interpretar, conservar e transformar

14 a 17/10 | Pelotas | Rio Grande do Sul | Brasil

# 2025

## Da pedra e cal às práticas sociais de Bagé: patrimônio industrial e paisagem cultural

Eixo Temático: Conservar

ROSA, Darlan Almeida

Arquiteto e Urbanista | Mestrando PROGRAU UFPel | [darlan6367@gmail.com](mailto:darlan6367@gmail.com)

CONCEIÇÃO, Sandro Martinez

Mestre | Doutorando PROGRAU UFPel | [sa.martinez@gmail.com](mailto:sa.martinez@gmail.com)

BORDA, Adriane

Doutora | GEGRADI PROGRAU UFPel | [adribord@gmail.com](mailto:adribord@gmail.com)

### Resumo

A cidade de Bagé (RS) teve sua economia impulsionada pela produção de cal até meados do século XX. A memória desse ciclo produtivo permanece registrada em vestígios da antiga Caieira Bajeense, atualmente configurada como um conjunto fragmentado de estruturas. Este estudo investiga as relações entre a atividade calcinadora e a conformação da paisagem cultural urbana, analisando como os usos históricos e os remanescentes industriais ainda afetam a dinâmica socioespacial da cidade. Com base nas noções de cultura e nas práticas sociais cotidianas, examina-se como essas formas de apropriação territorial contribuíram para moldar a paisagem urbana e ambiental no entorno da antiga caieira. A pesquisa observa, ainda, de que maneira a população local ressignifica esses espaços, mesmo diante da precariedade das ações institucionais de preservação. A metodologia combina revisão bibliográfica, análise iconográfica e observação antropológica, com o objetivo de subsidiar políticas públicas que integrem saberes locais à conservação ambiental e ao uso social do patrimônio cultural.

**Palavras-chave:** Patrimônio cultural; Práticas sociais; Urbanização; Caieira Bajeense; Paisagem urbana.

## ***From stone and lime to social practices in Bagé: industrial heritage and cultural landscape***

### **Abstract**

The city of Bagé (RS) had its economy driven by lime production until the mid-20th century. The memory of this period is materialized in the remnants of the Caieira Bajeense, currently existing as a fragmented complex. This study addresses the relationships between the establishment of the lime industry and the shaping of the city's cultural landscape, as well as how its operation and its remnants have affected and/or continue to affect the city's dynamics over time. At this moment, social practices situated within this complex are investigated, considering notions of culture and everyday dynamics associated with the urban and environmental landscape in the area surrounding the Caieira. The investigation observes how popular social practices enable the appropriation of these spaces, even without institutional mediation. The methodology includes bibliographic review, iconographic analysis, and anthropological observation, aiming to support public policies that integrate local knowledge with environmental preservation and the social use of heritage.

**Key words:** Cultural Heritage; Social Practices; Urbanization; Caieira Bajeense; Urban Landscape.

## ***De la piedra y la cal a las prácticas sociales en Bagé: patrimonio industrial y paisaje cultural***

### **Resumen**

La ciudad de Bagé (RS) tuvo su economía impulsada por la producción de cal hasta mediados del siglo XX. La memoria de este período está materializada en los vestigios de la Caieira Bajeense, que actualmente existe como un complejo fragmentado. Este estudio aborda las relaciones entre el establecimiento de la industria de la cal y la configuración del paisaje cultural de la ciudad, así como la forma en que su funcionamiento y sus remanentes han afectado y/o siguen afectando la dinámica de la ciudad a lo largo del tiempo. En este momento, se investigan prácticas sociales situadas en este complejo, considerando nociones de cultura y dinámicas cotidianas asociadas al paisaje urbano y ambiental de la zona limítrofe a la Caieira. La investigación observa cómo las prácticas sociales populares propician la apropiación de estos espacios, incluso sin mediación institucional. La metodología incluye revisión bibliográfica, análisis iconográfico y observación

antropológica, buscando subsidiar políticas públicas que integren saberes locales con la preservación ambiental y el uso social del patrimonio.

**Palabras clave:** Patrimonio Cultural; Prácticas Sociales; Urbanización; Caieira Bajeense; Paisaje Urbano.

## 1 Introdução

A cidade de Bagé, localizada no sudoeste do Rio Grande do Sul, apresenta uma paisagem onde elementos naturais e culturais se entrelaçam. O Arroio Bagé destaca-se como estrutura geográfica conformadora do traçado urbano e das dinâmicas industriais locais, especialmente da produção de cal, intensificada a partir do século XIX (IPHAN, 2009).

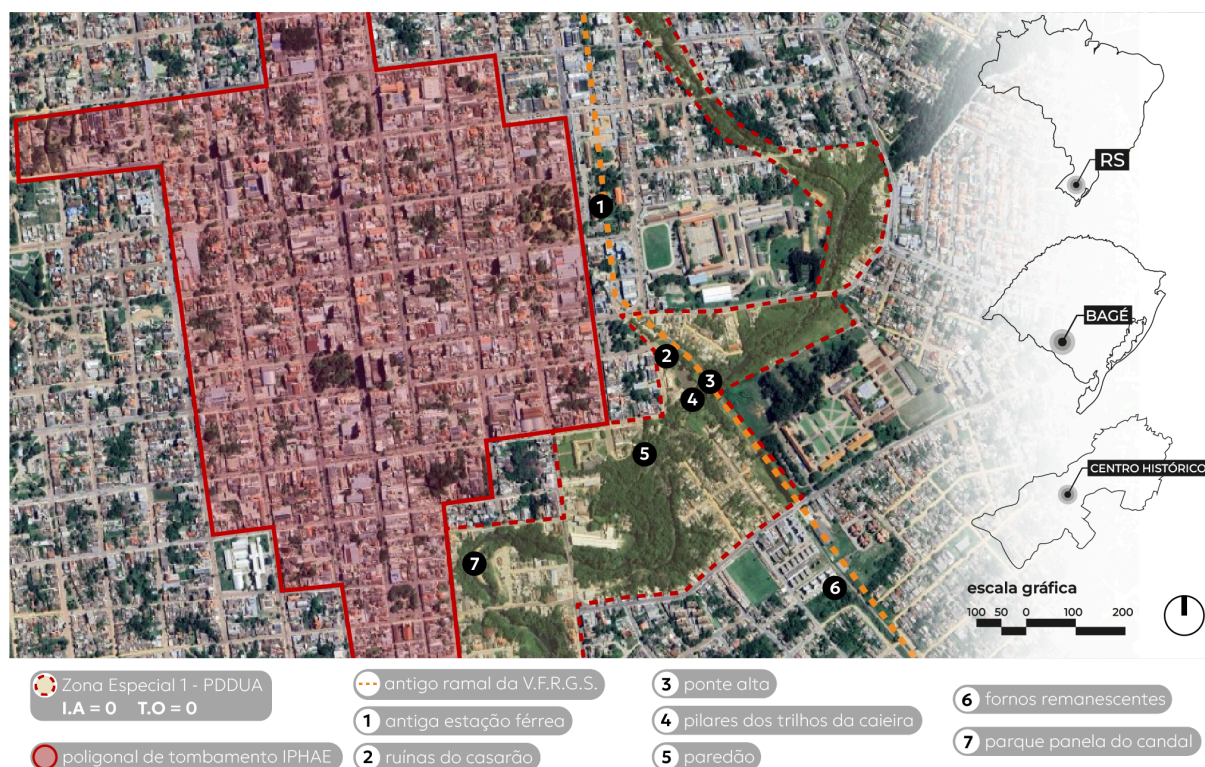
Nesse contexto, a instalação da Caieira Bajeense às margens do arroio, nas primeiras décadas do século XX, contribuiu significativamente para a conformação de uma paisagem industrial e cultural cuja presença, ainda que fragmentada, persiste até os dias atuais. No entanto, como aponta Choay (2017), os remanescentes históricos fora dos núcleos patrimonializados consolidados enfrentam maiores desafios de preservação, reintegração, ressignificação de uso e tendem a ser subestimados, relegados a musealização ou ao abandono – cenário que se observa no caso da antiga caieira bajeense.

Os valores histórico-culturais vinculados à preservação do patrimônio ambiental e edificado, compartilhados, experienciados e ressignificados, como destaca Caamaño (2010), expressam aspectos fundamentais da cultura urbana e da cultura popular. O espaço urbano, nesse contexto, não apenas estrutura o cotidiano, mas também carrega sentidos que se manifestam no imaginário coletivo, diretamente relacionado à sustentabilidade dos sítios históricos. Assim, ao mobilizar tais conceitos, evidencia-se a relação intrínseca entre o patrimônio material e as dimensões imateriais da cultura local, revelando a produção simbólica do espaço como uma síntese dessas experiências.

Assim, o reconhecimento e a leitura de um espaço urbano dependem de uma relação subjetiva de identificação do indivíduo com o lugar, em Bagé, destacam-se como marcos identitários desse processo a Ponte Alta, o Paredão, a Panela do Candal e os remanescentes da Caieira Bajeense (Figura 1), todos

vinculados a práticas sociais que transcendem a materialidade construída. Esses lugares incorporam lendas, rituais, formas de sociabilidade e saberes técnico-produtivos, compondo um campo simbólico que reforça a articulação entre paisagem e memória coletiva.

Figura 1: Macrolocalização da área de análise.



Fonte: dos autores (2025).

Segundo Pantaleón (2018), um bem patrimonial é portador de valores que, ao serem reconhecidos por uma sociedade, transformam-se em testemunhos significativos, capazes de suscitar reflexões culturais ao longo do tempo, incluindo manifestações como lendas, mitos e oralidades. No caso do patrimônio cultural e natural, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura - UNESCO (1972) adverte que os riscos de desaparecimento se intensificaram, não apenas devido a fatores de deterioração, mas também em razão de transformações sociais e econômicas, cada vez mais aceleradas, que comprometem profundamente a permanência desses bens.

O patrimônio industrial, conforme definido pelos Princípios de Dublin (ICOMOS; TICCIH, 2011), compreende sítios, estruturas, complexos, paisagens, objetos, equipamentos, documentos e saberes que testemunham antigos ou atuais processos de produção, extração e transformação de matérias-primas, incluindo as infraestruturas de energia e transporte a eles associadas. Trata-se de um patrimônio que evidencia a interdependência entre o meio natural e o meio cultural, ao revelar como os processos industriais, ao longo da história, moldaram práticas sociais, modos de vida, organizações do trabalho e dinâmicas territoriais. Nessa perspectiva, a Caieira Bajeense pode ser compreendida como um exemplo emblemático de patrimônio industrial fragmentado e periférico, cujos vestígios materiais e imateriais enfrentam dificuldades de reconhecimento e preservação, especialmente por estarem deslocados dos circuitos patrimonializados consolidados.

Esta base teórica oferece, portanto, subsídios para enquadrar os remanescentes da caieira em uma problemática recorrente no campo da conservação: a invisibilidade de bens industriais junto à memória coletiva e às políticas de salvaguarda. Assim, emerge a questão central deste estudo: de que modo esses remanescentes têm sido compreendidos, apropriados e ressignificados pela cultura popular bajeense, considerando a relação entre paisagem natural e patrimônio edificado?

## 2. Metodologia

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, fundamentada em uma perspectiva antropológica voltada à interpretação das práticas sociais populares. Foram articuladas diferentes técnicas metodológicas, incluindo revisão bibliográfica, levantamento documental e análise iconográfica de registros fotográficos históricos e contemporâneos. A área de estudo delimita-se a Zona de Interesse Especial 01, segundo o Plano Diretor (Bagé, 2007), contemplando os

elementos que compõem o complexo da antiga Caieira Bajeense, incluindo os fornos de cal remanescentes, Ponte Alta, Paredão e Panela do Candal. Além disso, foram realizadas observações *in loco* e análise de mapas e imagens de satélite, com o objetivo de compreender processos de apropriação popular e ressignificação desses espaços no contexto urbano e cultural local.

### 3. A Caieira Bajeense

A edificação original que posteriormente abrigaria a Caieira Bajeense foi construída em 1902, inicialmente projetada como residência. A data exata da transição para uso industrial ainda carece de confirmação documental, mas há registros indicando que, por volta de 1920, o imóvel já operava como a maior fábrica de cal do Rio Grande do Sul, com produção diária de 30 mil quilos, sendo um dos fornos capaz de operar continuamente e produzir até 12 toneladas de cal por dia (Fagundes, 2012).

Chegou a operar com cinco fornos, alinhados a trilhos exclusivos para o transporte de matérias-primas e cal produzida, sendo progressivamente desativados até 1970 (Fagundes, 2012). A permanência dos mesmos foi inicialmente assegurada pelo tombamento municipal em 1998, quando foram reconhecidos como “Torres da Caieira Bajeense” (Bagé, 1998) (Figura 2). A legislação foi posteriormente alterada e revogada, sendo a Lei Municipal nº 6.440/2022 a norma atualmente vigente (Bagé, 2022). No entanto, apesar da existência destas proteções legais, não foram definidas diretrizes claras e objetivas para intervenções nem delimitada uma área envoltória de salvaguarda. Tal omissão contribuiu para a descaracterização da paisagem bem como a reintegração do bem ao tecido urbano, especialmente após a implantação de conjuntos habitacionais em seu entorno imediato (Figura 3).

Após sua desativação, o casarão da antiga fábrica passou por diferentes usos institucionais e comerciais, abrigando, ao longo das décadas. Em 2008, foi

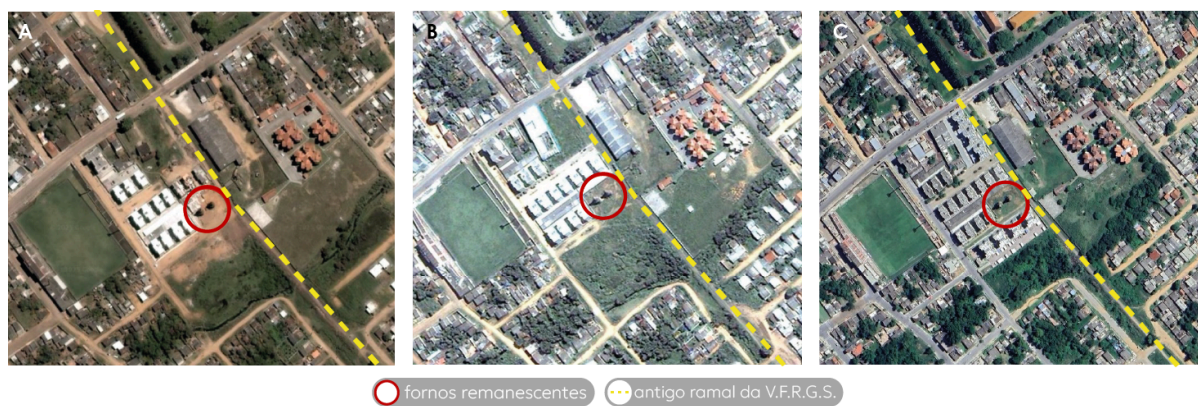
adquirida pela Prefeitura Municipal (Bagé, 2008). No entanto, em 2018, um incêndio agravou o estado de ruína do imóvel, que se encontra atualmente deteriorado (Figura 4), embora preserve parte de suas fachadas originais em estilo eclético-historicista representativas do apogeu econômico de Bagé no início do século XX.

Figura 2: Imagens dos fornos remanescentes, datadas de meados de 1980 (a) e em 2025 (b).



Fonte: A - Marinho (2025); B - dos autores (2025).

Figura 3: Fornos remanescentes nos anos de 2002 (a), 2013 (b) e 2025 (c) respectivamente.



○ fornos remanescentes    - - - antigo ramal da V.F.R.G.S.

Fonte: Google Earth (2025).

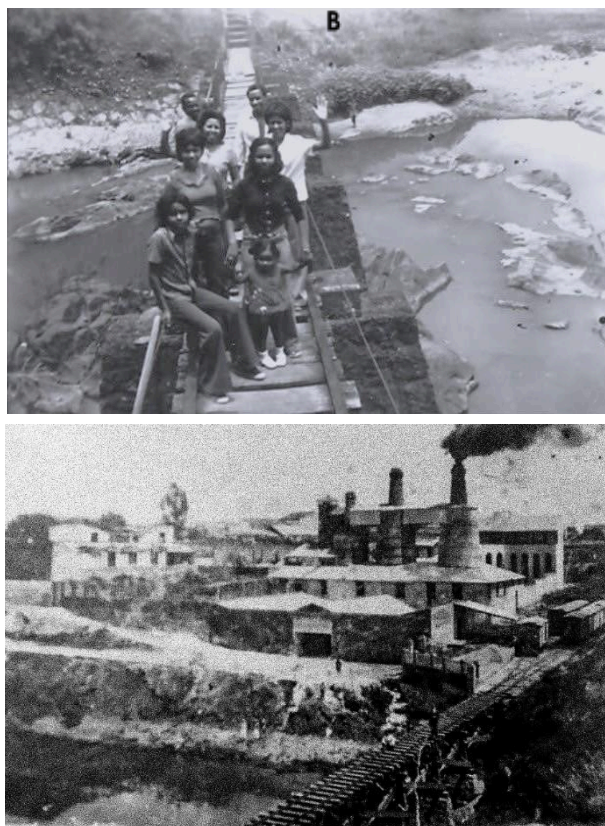
Figura 4: Caieira Bajeense atualmente.



Fonte: dos autores (2025).

Os antigos trilhos utilizados no escoamento da produção da cal, hoje reduzidos a pilares de concreto incorporados ao leito do Arroio Bagé, são testemunhos físicos da infraestrutura industrial da época. A população local tem se apropriado desses espaços, como ilustram registros fotográficos de uso recreativo e afetivo (Figura 5).

Figura 5: Registro da população nos trilhos remanescentes da Caieira Bajeense.



Fonte: Marinho (2025).

Tal apropriação evidencia os vínculos entre memória, território e práticas sociais, reafirmando que a paisagem urbana é suporte de significados e vivências, como destacam Caamaño (2010), Choay (2017) e Pantaleón (2018). A valorização da imagem cotidiana do patrimônio, conforme defendem os Princípios de Dublin (ICOMOS; TICCIH, 2011), pode fortalecer o reconhecimento social e identitário de sítios industriais fragilizados.

#### 4 A Ponte Alta, o Paredão e a Panela do Candal

Além do conjunto da Caieira Bajeense, remanescente representativo da paisagem cultural industrial de Bagé, destacam-se nas imediações outros elementos que expressam e registram a presença de práticas sociais e ressignificações urbanas ao longo do tempo: a Ponte Alta, o Paredão e a Panela do Candal. Esses lugares, embora não estejam oficialmente classificados como patrimônio industrial,

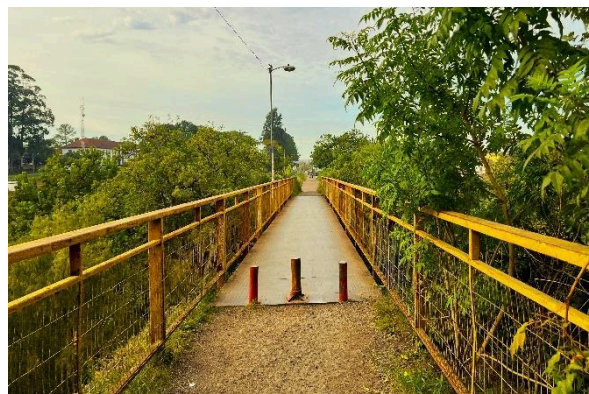
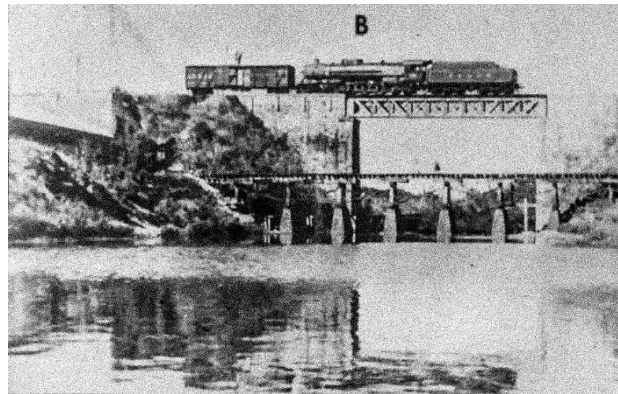
configuram-se como componentes da paisagem cultural não apenas pela permanência material e pelas formas de apropriação popular, mas também pela relação direta com o leito e as margens do Arroio Bagé, elemento estruturante que conecta fisicamente e simbolicamente esses espaços na memória e no cotidiano da cidade.

#### 4.1 Ponte Alta

A Ponte Alta é estrutura metálica ferroviária, assentada sobre bases de pedra, que cruza o Arroio Bagé entre o 25º Grupo de Artilharia de Campanha e a antiga Caieira. Construída para a linha da extinta Viação Férrea do Rio Grande do Sul (V.F.R.G.S.), servia originalmente como passagem de trilhos para transporte de cargas. Observa-se, na Figura 6a, os trilhos internos da Caieira Bajeense em primeiro plano e, ao fundo, a linha férrea da V.F.R.G.S., elevada sobre o leito do curso d'água. Esta composição revela a sobreposição de infraestruturas industriais, configurando uma paisagem urbana marcada pela atividade produtiva e pelo transporte de cargas. Popularmente conhecida como Ponte Alta, a estrutura da linha férrea, após sua desativação, foi adaptada com guarda-corpos metálicos e reforços estruturais, possibilitando seu uso como passagem de pedestres, como ilustrado na Figura 6b.

Figura 6: Ponte alta antes (a) e atualmente, após adaptação para pedestres (b).

A

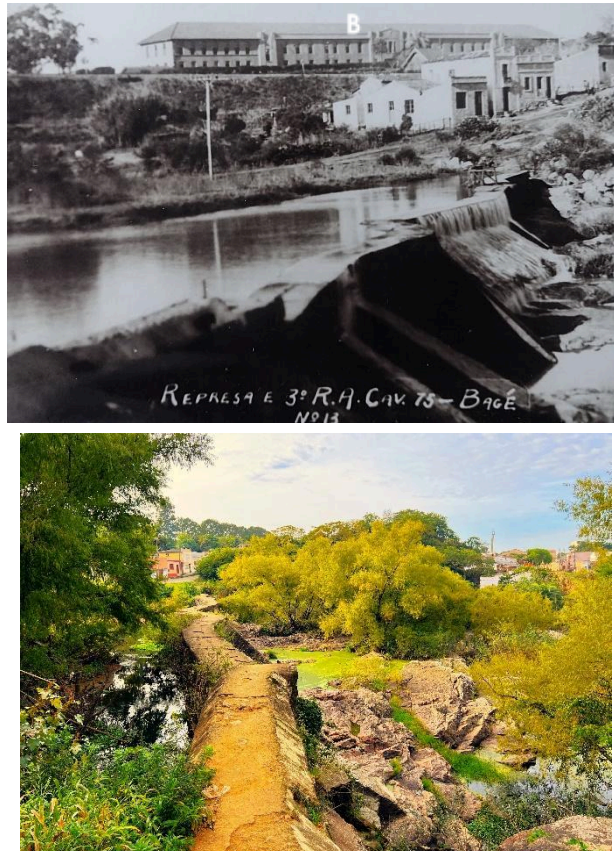


Fonte: A - Marinho (2025); B - dos autores (2025).

## 4.2 Ponte Alta

Popularmente conhecido como “Paredão” (Figura 7), trata-se de uma robusta estrutura de pedra construída para represar o Arroio Bagé e desviar parte de seu curso para abastecimento de um antigo moinho de madeira (Fagundes, 2012). Reformado posteriormente, passou a ser utilizado como travessia de pedestres entre bairros ao centro da cidade. No entanto, durante períodos de chuva intensa, a estrutura sofre frequentemente com obstruções decorrentes do acúmulo de resíduos e do aumento do volume das águas, comprometendo a segurança dos transeuntes.

Figura 7: Paredão antes (a) e atualmente (b).



Fonte: A - Marinho (ano); B - dos autores (2025).

Sua apropriação cotidiana exemplifica a capacidade da população em ressignificar infraestruturas urbanas precárias, transformando-as em caminhos e vínculos sociais (Caamaño, 2010).

#### 4.3 A Panela do Candal

Situada no centro da cidade, há quase 200 metros da Catedral de São Sebastião, a Panela do Candal (Figura 8a e 8b) constitui um sítio paisagístico e cultural de singular importância. Sua configuração geográfica resulta de uma inflexão acentuada no curso do Arroio Bagé, criando uma depressão em forma de alça, cuja morfologia evoca visualmente o formato de uma panela — característica que inspirou seu nome. Segundo Fagundes (2012), o termo “Candal” remete ao antigo Escrivão de Órfãos, José de Assis Candal, cuja residência localizava-se à margem direita do arroio, junto à referida curva.

Figura 8: Panela do Candal em meados do início do Sec. XX.



Fonte: Marinho (2025).

A ocupação da área contribuiu para a estruturação do tecido urbano e a consolidação simbólica do local como parte da identidade bajeense, no entanto, ao longo das décadas, a área foi marcada pela precariedade de infraestrutura, pela degradação ambiental e pela ausência de políticas públicas efetivas de valorização. O Arroio Bagé, que corta a cidade e abastece a bacia hidrográfica do Rio Negro, tornou-se, segundo o ambientalista José Lutzenberger (1993 *apud* Minuano, 2013), um esgoto a céu aberto, perdendo seu potencial paisagístico e ecológico.

A Panela do Candal também abriga um importante fragmento do folclore regional, a conhecida lenda do “Monstro da Panela do Candal”, registrada por Pedro Wayne (2000). A narrativa conta a história de uma serpente gigante que habitava o arroio e, incomodada pelo crescimento urbano, emergiu com força destrutiva, rachando as fundações da igreja matriz e causando temor entre os habitantes. Essa mitologia popular, amplamente difundida entre gerações, é expressão viva da relação simbólica entre o espaço natural e o imaginário coletivo.

Após longo período de abandono, em 2024 a Panela do Candal foi objeto de um projeto de requalificação urbana promovido pelo poder público municipal. O local foi transformado em parque urbano aberto à comunidade, recebendo melhorias em sua infraestrutura, incluindo requalificação dos passeios públicos, instalação de sinalização e dispositivos de acessibilidade, além de novas áreas de convivência, paisagismo, arborização e um monumento em alusão à lenda do monstro (Figura 9). A iniciativa buscou integrar valores ambientais, culturais e sociais, promovendo o reencontro da população com este espaço simbólico e reforçando seu papel na memória urbana e afetiva da cidade (Bagé, 2024).

Figura 9: Parque Panela do Candal.



Fonte: dos autores (2025).

A intervenção evidencia como a recuperação de paisagens culturais pode se dar não apenas pela restauração de elementos físicos, mas também pela ativação de narrativas e práticas culturais ligadas à memória coletiva. Nesse sentido, a Panela do Candal se configura como um exemplo emblemático de ressignificação de um lugar, onde a paisagem natural, o imaginário social e a ação

pública se entrelaçam para produzir novos sentidos e possibilidades de apropriação cotidiana.

## 5 Considerações finais

A análise dos objetos de estudo apresentados - o complexo da Caieira Bajeense, a Ponte Alta, o Paredão e a Panela do Candal - permitem compreender como a produção de cal em Bagé, associada ao Arroio Bagé e ao ramal da Viação Férrea, estruturou práticas econômicas de relevância regional entre os séculos XIX e XX. Esse sistema produtivo, logístico e territorial desempenhou papel significativo no desenvolvimento urbano e na inserção da cidade no contexto do Pampa, configurando uma paisagem cultural marcada pela interdependência entre natureza, técnica e sociedade.

A instalação de fornos de cal – as chamadas caieiras – foi central para essa dinâmica, consolidando Bagé como polo industrial em seu tempo. Embora essa produção já não ocorra localmente, o legado material e simbólico do complexo permanece como um importante testemunho da história técnica e construtiva da cidade. A preservação da imagem desse patrimônio industrial fragmentado se revela essencial para a valorização da memória e identidade local, reforçando sua inserção em um debate mais amplo sobre as formas de reconhecimento e apropriação da paisagem cultural urbana.

Os remanescentes analisados dialogam com a cultura popular e com as práticas sociais contemporâneas, revelando que a paisagem urbana é produzida não apenas por edificações e infraestruturas, mas também por usos, narrativas e processos espontâneos de apropriação. A Ponte Alta e o Paredão exemplificam essa resignificação, ao transformarem-se em passagens cotidianas de pedestres; já a Panela do Candal destaca-se como espaço simbólico e afetivo, recentemente requalificado, integrando dimensões ambientais, patrimoniais e educativas.

É possível observar, a partir da Figura 8a, que já no início do século XX havia caminhos espontâneos conformando os percursos e conectando os equipamentos estudados — como a contenção, os trilhos e as travessias —, todos vinculados à água, à produção de cal e ao cotidiano urbano. Entretanto, transformações recentes, sobretudo a intensificação da ocupação do solo nas imediações dos fornos remanescentes, têm provocado o apagamento progressivo dessa paisagem, fragmentando sua leitura e dificultando o reconhecimento coletivo de seu valor patrimonial.

Esses processos evidenciam a necessidade de políticas públicas que não se limitem à preservação material, mas que reconheçam os múltiplos sentidos atribuídos pela comunidade ao longo do tempo. A ausência de diretrizes claras e a desarticulação entre os instrumentos de gestão urbana e patrimonial contribuem para a descaracterização de espaços historicamente significativos, como o entorno da antiga Caieira Bajeense.

Diante disso, é fundamental promover a convergência entre os saberes técnicos e os valores culturais locais, orientando propostas de requalificação que conciliem memória, uso social e sustentabilidade. A pesquisa aqui apresentada reforça o potencial de metodologias integradas — como a análise iconográfica, a leitura da paisagem e a escuta das práticas populares — para subsidiar futuras intervenções sensíveis e participativas. Ao valorizar o entrelaçamento entre patrimônio edificado, natureza e práticas socioculturais, contribui-se para o fortalecimento da memória urbana e da identidade coletiva de Bagé, ampliando as possibilidades de permanência e ressignificação de seu patrimônio cultural.

## 6. Agradecimentos

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio a esta pesquisa, por meio da concessão de bolsa de mestrado e doutorado.

## 7. Referencias

BAGÉ. **Governo Municipal inaugura Parque da Panela do Candal**: Prefeitura Municipal de Bagé, 2024. Disponível em: <https://www.bage.rs.gov.br/noticias/governo-municipal-inaugura-parque-da-panela-do-candal>. Acesso em: 02 de maio de 2025.

BAGÉ. **Lei Municipal n. 3.472, de 26 de outubro de 1998**. Declara patrimônio histórico e cultural do município as Torres da Caieira Bageense [...]. Bagé: Câmara Municipal de Bagé, 1998. Disponível em: <https://bage.cespro.com.br/visualizarDiploma.php?cdMunicipio=7254&cdDiploma=19983472&NroLei=3.472&Word=0&Word2=>. Acesso em: 02 de maio 2025.

BAGÉ. **Lei Municipal n. 4.644, de 28 de agosto de 2008**. Fica o poder executivo autorizado a permutar uma área [...]. Bagé: Câmara Municipal de Bagé, 2008. Disponível em: <https://bage.cespro.com.br/visualizarDiploma.php?cdMunicipio=7254&cdDiploma=20084644&NroLei=4.644&Word=4644&Word2=>. Acesso em: 02 de maio 2025.

BAGÉ. **Lei Municipal n. 6.440, de 14 de junho de 2022**. Cria a nova consolidação da legislação municipal sobre patrimônio cultural histórico do município e dá outras providências. Bagé: Câmara Municipal de Bagé, 2022. Disponível em: <https://bage.cespro.com.br/visualizarDiploma.php?cdMunicipio=7254&cdDiploma=20226440&NroLei=6.440&Word=0&Word2=>. Acesso em: 02 maio 2025.

BAGÉ. **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental – PDDUA**. Bagé: Prefeitura Municipal, 2007.

CAAMAÑO, José Carlos. Aspectos de la cultura popular en la cultura urbana. **Teología**, v. 47, n. 103, p. 101-115, 2010.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Unesp, 2017.

FAGUNDES, Elisabeth Macedo de. **Inventário cultural de Bagé**. Um passeio pela história. 2ª ed., Porto Alegre: Praça da matriz/Evangraf, 2012.

GOOGLE EARTH. **Fornos remanescentes nos anos de 2002, 2013 e 2025**. Imagem de satélite. 2025. Disponível em: <https://earth.google.com>. Acesso em: 04 maio 2025.

ICOMOS; TICCIH. **Princípios conjuntos para a conservação de sítios, estruturas, áreas e paisagens do patrimônio industrial** – Princípios de Dublin. Paris: ICOMOS, 2011. Disponível em: <https://ticcih.org/about/about-ticcih/dublin-principles/>. Acesso em: 2 maio 2025.

INTERNATIONAL COMMITTEE FOR THE CONSERVATION OF THE INDUSTRIAL HERITAGE (TICCIH). **Princípios de Dublin para a conservação do patrimônio industrial**. Dublin: TICCIH, 2011. Disponível em: <https://ticcih.org/dublin-principles/>. Acesso em: 02 maio 2025.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Ministério da Cultura. **Dossiê de Tombamento do Conjunto Histórico e Paisagístico de Bagé**. Porto Alegre, 2009.

MARINHO, Cid Magdar. **Acervo de fototeca particular**. Bagé, 2025.

MINUANO, 2013. Meio ambiente - Arroio Bagé e a lei esquecida no tempo. Disponível em: <http://www.jornalminuanoantigo.com.br/noticia.php?id=92560&busca=&palavra> . Acesso em: jun. 2017.

PANTALEÓN, Carlos. **Reflexiones sobre estrategias para intervenir en el patrimonio construido**. Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo, UDELAR, 2018.

UNESCO. **Convenção para a proteção do patrimônio mundial, cultural e natural**. Paris: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 1972. Disponível em: <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>. Acesso em: 02 de maio 2025.

WAYNE, Pedro. Lagoa da música. Porto Alegre: Evangraf, 2000.